

TEATRO
NACIONAL
S. JOAO



TEATRO CARLOS ALBERTO
29 JUN—2 JUL 2023

TANG PING, um western moderno sobre não ser ninguém

de Ana Vitorino,
Carlos Costa,
Gemma
Rodríguez



qui+sáb—19:00
sex—21:00
dom—16:00

direção
Ana Vitorino
Carlos Costa

cenografia, adereços e
figurinos
Inês de Carvalho

banda sonora original e
sonoplastia
João Martins

desenho de luz
Pedro Correia

vídeo e design gráfico
Sara Allen

assessoria artística e de
comunicação
Carlota Castro

coordenação de produção
Alice Prata

produção executiva
Pedro Monteiro

interpretação
Ana Vitorino
Carlos Costa
Inês Filipe
Pedro Roquette
e **Ana Azevedo**
José Barreto
Mário Moutinho (vozes *off*)

coprodução
Visões Úteis, Teatro
Municipal da Guarda,
Teatro Municipal de
Vila Real, Teatro Nacional
São João

apoio
Acción Cultural Española

A banda sonora inclui as
canções “Desesperación”
(autoria **Francisco Villacrés**
Falconi), “Que lindo es mi
Quito” (autoria **Leonardo**
Páez), “Tang Ping is
the right way” (autoria
e interpretação **Zhang**
Xinmin), “Deitado é o
Caminho” (autoria **Carlos**
Costa, João Martins,
Leonor Costa, a partir do
original de Zhang Xinmin
e da tradução inglesa de
Alia Goehr; interpretação
Leonor Costa, João
Martins).

estreia 10 Nov 2022
Teatro Municipal
da Guarda

dur. aprox. 1:35

M/12 anos

Conversa com o Rui
30 Jun

DEITADO É O CAMINHO?

ANA VITORINO e CARLOS COSTA

No princípio era uma emissão de teatro radiofónico, inspirada na primeira obra de ficção científica que coloca no centro da narrativa a invasão da Terra por seres alienígenas. Quase cem anos depois, *A Guerra dos Mundos* que Orson Welles transmitiu nos Estados Unidos abria-se como um fascinante campo de reflexão sobre questões que nos ocupam (e preocupam) hoje. Ao planear a nossa criação original para palco de 2022, decidimos então ser conduzidos por esta confluência de temas: a manipulação da opinião pública, o potencial da ficção como modeladora de comportamentos, as alterações no poder dos diferentes *media* através dos tempos, as aspirações colonialistas, a convivência entre espécies, a responsabilidade social e política dos artistas.

No princípio era também um reencontro com a dramaturga catalã Gemma Rodríguez. Os nossos caminhos tinham-se cruzado quando, em 2006, levámos à cena o seu texto *Estem quedant fatal (Mal Vistos)*, e voltariam a cruzar-se três anos mais tarde, quando encenámos *L'ham (O Anzol)*. Depois, no *Visões Úteis* abandonámos a relação com o texto dramático enquanto dado anterior aos processos criativos, e a Gemma dedicou-se cada vez mais ao seu trabalho como argumentista na área do audiovisual. Os caminhos afastaram-se, mas nunca nos perdemos de vista.

O reencontro com a Gemma surgiu de um desejo que tem marcado os nossos processos criativos dos últimos anos: o de expandir as possibilidades das criações, convidando artistas exteriores à equipa nuclear do VU para connosco partilharem a escrita e a direção. Agora, a colaboração com a Gemma propunha algo novo: a partilha da escrita de um texto dramático a encenar posteriormente.

Com a Gemma chegaria também a referência a essa outra emissão radiofónica de *A Guerra dos Mundos* no Equador, e os trágicos acontecimentos a que deu origem. Orson Welles e Leonardo Páez afiguravam-se-nos como dois resultados opostos de uma mesma

experiência: o primeiro foi aclamado e lançado ao estrelato, o segundo perdeu tudo e foi condenado ao exílio. Em breve discutíamos o que faz de alguém um “alguém” e de outro alguém um “ninguém” – ou, como diria a Gemma, a diferença entre os “guais” e os “atascados”. Será um acaso? Ou um destino moldado pelas circunstâncias, pelas agendas sociais e políticas de cada momento, pela (maior ou menor) tenacidade ou arrogância de cada um?

O texto a seis mãos começou a surgir a partir das questões levantadas pela *Guerra dos Mundos*, para depois se alimentar das experiências de quem o estava a escrever; nomeadamente, as experiências que se associam a uma crescente fragilidade e necessidade de resistir aos constrangimentos sociais e económicos dos modos de produção. Não parar de produzir, não parar de apresentar, o “publicar ou perecer” – antes aplicado à literatura e agora direcionado às redes sociais –, enfim... não desaparecer, nem por um segundo, sob pena de os outros se esquecerem que alguma vez existimos.

Será esta, então, a moderna Guerra dos Mundos?

E, se for, estamos condenados a escolher um lado? A lutar até à exaustão, até mesmo à aniquilação dos nossos valores, nem sequer pelo reconhecimento ou sucesso, mas pelo não esquecimento?

É possível resistir? O que podemos fazer? Ou poderá o “não fazer” ser a melhor forma de resistência?

Nos últimos tempos, o culto da produtividade e do sucesso pessoal tem dado os seus sinais de declínio, e a chamada *hustle culture* foi suscitando movimentos de desaceleração e mesmo de abandono, como o *slow living* e o *quiet quitting* – formas de reação à insustentabilidade da “superprodutividade” e do frenesim (auto)promocional, realçadas pela recente pandemia.

Mas foi o movimento Tang Ping, na China, que mais influenciaria esta nossa reflexão, por espelhar de forma mais dramática o “não fazer” como ato de resistência. “Tang Ping”, que em português poderíamos traduzir como “ficar deitado” (mas implicando a decisão ativa de nos deitarmos), exprime a recusa da



opressão do 996: o regime laboral das nove da manhã às nove da noite, seis dias por semana. Tang Ping é, portanto, o ato de não colaborar, de não aceitar, ou, como dizia Jacques Attali ainda no século xx, o mais inalienável direito do século xxi: o direito de abandonar o barco.

Assim, percebemos que, no nosso espetáculo, se iria esgrimir um duelo – como num “*western* moderno” – entre valores e desejo de sucesso (ou medo do esquecimento), e equacionar a “recusa em fazer parte” como possível e corajosa resposta.

No final, e já com uma perna fora do barco, olhamos em volta e vemos as figuras que boiam nesse mar de esquecimento, obliteradas por planos e desejos de sucesso que não foram seus – as Papoilas e os Jacarés, os intérpretes que deram o corpo às chamadas provocadas pelo

ego de outros, os trabalhadores eliminados pelas decisões de outros, os jovens derrubados em guerras de outros.

Resgatamos a sua memória. São “ninguém”. Mas não são ninguém.

Junho de 2023

O ESTÚDIO RADIOFÓNICO OU A ARENA DA BATALHA PELA HUMANIDADE

VICTOR AFONSO*

No seminal livro *Simulacros e Simulação* (1981), o filósofo Jean Baudrillard discorre criticamente sobre o poder pernicioso da comunicação social de massas e como esta molda a nossa visão da realidade, substituindo-a pela disseminação de simulacros que distorcem a nossa interpretação dos fenómenos reais. O autor defende que os *media* criam uma realidade simulada, substituindo a experiência empírica e real pela representação mediada. Na verdade, já em 1964, Marshall McLuhan, um dos mais influentes teóricos da comunicação do século xx, explorava a ideia de que “o meio é a mensagem”. Ou seja, enfatizou que os meios de comunicação são uma força poderosa que molda a forma como percebemos e interagimos com o mundo. Segundo McLuhan, o meio em si é mais significativo e influente do que o conteúdo específico que comunica. Por outras palavras, a natureza dos *media* e o modo como ela condiciona a experiência humana são mais importantes do que a informação que é transmitida.

Serve esta sucinta introdução para contextualizar a temática abordada pelo coletivo Visões Úteis na peça *TANG PING*, um *western moderno sobre não ser ninguém*, título hermenêutico que é todo um programa de intenções e encerra um profundo e pertinente significado que irei explicar neste texto. Para começar, “Tang Ping” é uma expressão em mandarim que remete para uma interpretação livre de resistência e de não acomodação aos valores consensuais. Já o subtítulo da peça, aparentemente mais enigmático e intrincado, remói narrativamente a ideia de que as personagens combatem, qual cenário de “*western moderno*”, na defesa das suas convicções, valores e pensamentos, em busca da aceitação social e do sucesso pessoal e profissional. A dramaturgia deste espetáculo assenta, pois, no primado da confrontação de impulsos e convicções, que se sobrepõem, não raras

vezes, aos factos da realidade, privilegiando o efeito psicológico dos simulacros e uma hiperbolização da ficção-tornada-realidade, no sentido da manipulação, nem sempre consciente e intencional, da opinião pública.

Nesta perspetiva, *TANG PING* propõe ao espectador um jogo metafórico de grande impacto a partir do cenário concentracionário de um estúdio radiofónico, no qual as personagens discutem sobre a realidade e o seu simulacro, os efeitos da verdade e da mentira, no caso específico, a propósito da comemoração dos 125 anos da publicação da obra de ficção científica *A Guerra dos Mundos*, de H.G. Wells. E sobre o poder da rádio, em diversas épocas históricas e contextos sociais, no processo de recriação da suposta invasão dos marcianos levada a cabo pelo génio intrépido de Orson Welles no dia 30 de outubro de 1938, a partir dos estúdios da CBS em Nova Iorque. Esta pioneira e arrojada transmissão teatral provocou profundo alarme social e até tentativas de suicídio, e segundo a radialista Isabel (Ana Vitorino), o mérito não foi de “Orson Welles, mas da natureza humana”, ao que o professor Fernando Barreiros (Carlos Costa) acrescenta que o realizador e ator “soube ler o momento histórico e compreender qual era o maior medo dos seus concidadãos”.

Fernando Barreiros, escritor, biógrafo, especialista e defensor acérrimo da genialidade prodigiosa de Orson Welles (e de Elon Musk!), critica por diversas vezes a locutora Isabel por esta fazer uma “leitura simplista” dos acontecimentos e por não compreender o génio complexo do pensamento do realizador, pelo que a discussão extrapola para assuntos como o colonialismo, a crítica ao império britânico (que o professor contesta), a presença portuguesa na América do Sul e a escravatura. A discordância atinge também a argumentista Ricarda (Inês Filipe), que parece querer dar mais importância aos acontecimentos da recriação da *Guerra dos Mundos* no Equador em 1949, levantando discussões sobre a abordagem política, social e estética de uma recriação artística. De facto, em 12 de fevereiro de 1949, a encenação da

história de H.G. Wells pela Rádio Quito, do Equador, levada a cabo pelo escritor Leonardo Páez, terminou com o estúdio da emissora incendiado pela população (provocando seis mortos), que passou de apavorada a enfurecida ao descobrir que a “invasão marciana” não passava de ficção. A recriação no estúdio desses acontecimentos dramáticos é levada a cabo pelo repórter Mário Pombo (Pedro Roquette), que dá conta das manifestações anárquicas de populares revoltados e do próprio curso do incêndio. Qualquer semelhança com reportagens sensacionalistas de tragédias deste tipo na televisão contemporânea não será, certamente, mera coincidência.

No decurso de *TANG PING*, também são abordadas as recriações portuguesas da história de Wells, que criaram pânico em Lisboa (1958) e em Braga (1988), com pessoas que fugiram com medo até para o Gerês. Ou a recriação em estúdio da chegada de Orson Welles ao Brasil após a estreia de *Citizen Kane*, país onde iria realizar um documentário (não terminado) chamado *É Tudo Verdade* (ironia suprema face ao cerne da ficção de Wells!), sobre o povo brasileiro e o Carnaval, mas onde pelo meio acontece um dramático resgate de pescadores pela equipa de Welles, com todos os sons do acontecimento feitos pelo repórter Mário Pombo. A determinada altura, Fernando Barreiros afirma sobre a invasão marciana: “Não há mais verdade do que aquela que se conta”, ao que uma jovem jornalista responde que Welles “aproveitou a mentira para se transformar numa lenda” (mais uma piscadela de olho acutilante ao mundo atual da fama a “qualquer preço”). O estúdio de rádio é, pois, uma representação alegórica de uma arena de combate quase sempre tensa e instigadora de críspação, desconfiança, intrigas e mal-entendidos, pelos diferentes interesses e choque de personalidades. Para serenar os ânimos e esbater as diferentes interpretações e sensibilidades, as personagens jogam padel e, nos intervalos dos ensaios e das emissões, conversam sobre o “poder do café, do chocolate e do caju para combater a ansiedade e manter elevados os índices de concentração”.

O texto de Ana Vitorino, Carlos Costa e Gemma Rodríguez é um prodígio literário na forma como interpela, através de diálogos assertivos, quase sempre cáusticos e por vezes imersos num humor subtil, os instintos básicos da natureza humana a partir de conceitos como verdade e mentira, sensacionalismo e moderação, sucesso e fracasso, manipulação e transparência, ou conflito e harmonia. O trabalho de encenação é magnífico, escorreito e sem momentos mortos. As interpretações dos quatro talentosos atores são deveras convincentes, sobretudo na recriação algo caótica dos momentos teatrais mais dramáticos da história de H.G. Wells e no confronto argumentativo. Destaque também para o exímio e minucioso trabalho sonoplástico de João Martins, o qual confere autenticidade sonora a todo o ambiente do estúdio de rádio (toques de telemóvel, sinais sonoros, vozes *off*, ruídos de estúdio, sons de gritos e explosões, indicadores de programas, anúncios, horóscopos...).

Em *TANG PING*, três potentes e pertinentes ironias surgem sob a forma de dois diálogos e de uma canção que incitam a um sorriso (físico e intelectual) do espectador: a locutora Isabel disserta sobre o futuro da humanidade, referindo que “acreditamos que os humanos apenas querem sentir-se um pouco mais humanos, e acreditamos que os nossos robôs vão ajudá-los a chegar lá”. Mais à frente, a mesma assevera: “Se esta noite olharem para cima e virem um carrossel de estrelas a atravessar o céu de uma ponta à outra, o mais provável é não serem os marcianos. O mais provável é ser a Starlink, a constelação de satélites construída pela SpaceX, a empresa de Elon Musk, um homem que sonha salvar a humanidade... invadindo Marte.” E, mesmo no término do espetáculo, canta uma canção hispânica chamada “Desespero”: “Não o nosso, nem o vosso, não se preocupem... é apenas o nome da canção”, faz questão de esclarecer. Mas os espectadores sabem que se trata de uma mensagem forte que fica a pairar na cabeça de quem acabou de ver a peça.

* Programador do Teatro Municipal da Guarda.

A sério?

O poder dos média?

Mas isso interessa a quem?

produção executiva
Eunice Basto

direção de palco
Emanuel Pina

adjunto do diretor de palco
Filipe Silva

direção de cena
Cátia Esteves

luz
Filipe Pinheiro
coordenação
Adão Gonçalves
Alexandre Vieira
José Rodrigues
Marcelo Ribeiro
Nuno Gonçalves

maquinária
Filipe Silva
coordenação
António Quaresma
Joel Santos
Jorge Silva
Lídio Pontes
Nuno Guedes
Paulo Ferreira

som
Joel Azevedo
coordenação
Fábio Ferreira

APOIOS À DIVULGAÇÃO



AGRADECIMENTOS TNSJ

Câmara Municipal do Porto
Polícia de Segurança Pública
Mr. Piano/Pianos Rui Macedo

AGRADECIMENTOS VISÕES ÚTEIS

ACE Escola de Artes,
MIRA FORUM, Eduardo Camilo,
Fábio Ferreira, Fábio Ribeiro,
Filomena Valente, Ilda Almeida,
Inês Amaral, Hugo Martins,
Sílvio Correia Santos

Edição
Teatro Nacional São João

coordenação
João Luís Pereira

design gráfico
Pedro Nora

fotografia
Carlos Santos

impressão
Empresa Diário do Porto, Lda.

Não é permitido filmar, gravar ou fotografar durante o espetáculo. O uso de telemóveis e outros dispositivos eletrónicos é incómodo, tanto para os intérpretes como para os espectadores.



O TNSJ É MEMBRO

MECENAS DO TEATRO NACIONAL SÃO JOÃO